

GUERRA AO TERROR: UMA ANÁLISE DO DISCURSO MANIQUEÍSTA DE GEORGE W. BUSH

WAR ON TERROR: AN ANALYSIS OF GEORGE W. BUSH'S MANICHEAN SPEECH

Nathalia Silva Lima¹

Universidade Federal do Tocantins

Márcia Sueli Pereira da Silva Schneider ²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar como os discursos de George W. Bush serviram para construir um novo inimigo e alimentar uma narrativa maniqueísta, ou seja, dividir o mundo entre o bem e o mal, a depender da posição que os Estados escolhessem adotar frente aos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Para isso, foram explorados excertos retirados de pronunciamentos de Bush, os quais foram proferidos entre os anos de 2001 a 2006. Nesse sentido, para alcançar a finalidade desse trabalho, utilizou-se a teoria de Charaudeau (2016), a qual discorre sobre artifícios utilizados em discursos políticos que visam a manipulação em massa.

Palavras-chave: Terrorismo; George W. Bush; Inimigo; Ameaças; Discurso.

Abstract: This article aims to analyze how George W. Bush's speeches served to build a new enemy and feed a manichaeian narrative, that is, dividing the world between good and evil, depending on the position adopted by each States in the face of to the terrorist attacks of September 11, 2001. To this end, excerpts taken from Bush's statements made between 2001 and 2006 was explored. In this sense, to achieve the purpose of this work, Charaudeau's theory (2016) was used.

Keywords: Terrorism, George W. Bush, Enemy, Threats, Speech.

Submetido em 13 de junho de 2024.

Aprovado em 22 de junho de 2024.

¹ Graduanda do Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Tocantins. Email: lima.nathalia@uft.edu.br.

² Doutora em Linguística Aplicada, Professora do Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Tocantins. Email: mschneider@uft.edu.br.

Introdução

Inegavelmente os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 marcaram o início do século vigente. No entanto, esse evento reflete consequências até a atualidade na forma como o terrorismo é visto e encarado pelos Estados. Tal fato deve-se, sobretudo, à audiência que foi dada ao acontecimento, visto que o ataque foi destinado à maior potência mundial, os Estados Unidos da América. Diante disso, em um momento em que teve sua hegemonia desafiada e seu poder ameaçado, os EUA iniciam sua política de reafirmação de sua posição no cenário internacional. O então presidente, George W. Bush, tornou-se a figuramais emblemática na que foi chamada de Guerra ao Terror. Além de utilizar-se do contexto parainvadir e ferir a soberania dos países considerados por ele responsáveis pelo 11/09, Bush utilizou sua arma mais poderosa para virar o jogo a seu favor: a linguagem.

A princípio, vindo de um Estado que já utilizou bombas atômicas em guerras, a linguagem pode parecer ineficaz, mas a potência dessa ferramenta tem um efeito a longo prazo que a sociedade vivencia até hoje: a manipulação. A esse respeito, Patrick Charaudeau (2016), em sua obra “A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas”, faz importantes considerações acerca de como a linguagem, principalmente na esfera política, é usada para alienar pessoas em massa.

Sendo assim, este trabalho tem como objeto de análise fragmentos retirados dos discursos de George W. Bush feitos entre os anos de 2001 a 2006, durante seu mandato de presidente dos Estados Unidos. Como citado anteriormente, Charaudeau (2016) destacou-se como um importante estudioso da linguagem como ferramenta de manipulação e, por isso, sua teoria será utilizada para delimitar a análise acerca dos discursos de Bush.

1. Breve histórico do terrorismo

O terrorismo, em suma, envolve violência física ou psicológica contra pessoas, as quais podem ser selecionadas ou aleatórias, e é entendido como uma ferramenta para impor medo sobre um povo, governo ou Estado (GALITO, 2013, p. 3). Nessa conjuntura, ao adotar essa definição, em um esforço para buscar a origem histórica desse fenômeno, encontram-se dificuldades para determinar com precisão onde e

quando surgiu o terrorismo. O primeiro registro escrito que a humanidade tem acerca do tema data de 48 a. C., quando um grupo de judeus extremistas separatistas se utilizaram do terror para provocar a alteração de comportamento na sociedade judaica do período, a qual colaborava com invasores romanos (GALITO, 2013, p. 13). Dessa maneira, é notável que esse fenômeno não é recente no contexto internacional e, portanto, cabe a esse artigo contextualizar brevemente a mudança no conceito de terrorismo durante o século XX, período que antecede os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 e que possui importantes acontecimentos que podem levar ao entendimento desses atentados.

Durante um longo período na História da humanidade, o terrorismo era analisado como um movimento revolucionário. No entanto, no início do século XX, nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), observou-se um aumento na agitação de grupos nacionalistas, especialmente nos Impérios Otomano e Austro-Húngaro. Nessa conjuntura, dois acontecimentos fortalecidos por atos terroristas marcam o centenário: militantes armênios utilizando estratégias terroristas contínuas para atacar o Império Otomano; e, no Império Austro-Húngaro, os povos eslavos, almejando sua independência, cometendo um atentado terrorista contra o herdeiro do trono austríaco, em 1914, o que acabou desembocando no maior conflito direto até então, a Grande Guerra (COELHO, 2011, p. 4-5).

Mais tarde, o terrorismo passou a ser associado não só à violência que era praticada por grupos revolucionários contra os regimes de seus respectivos Estados, mas também à violência empregada por parte de governos totalitários e seus líderes, a qual ia de encontro à população (HOFFMAN, 1998 *apud* COELHO, 2011, p. 6). Somente no final dos anos 1950 o significado de terrorismo se molda novamente e volta a fazer referência às ações revolucionárias, visto que estratégias terroristas começaram a ser introduzidas em colônias da África, Ásia e Oriente Médio, as quais se utilizavam do terrorismo para reivindicar suas independências frente ao colonialismo europeu (MONGIARDIM, 2002 *apud* COELHO, 2011, p. 6).

Posteriormente, a partir dos anos 80, a interpretação do terrorismo ganha novos rumos e se torna um fenômeno ainda mais complexo. Como o cenário internacional estava dividido entre duas grandes potências durante a Guerra Fria, havia grandes

atritos entre o Ocidente (maioritariamente persuadido pelos Estados Unidos) e o Oriente (predominantemente influenciado pela então União Soviética). Nesse ínterim, ataques à parte Ocidental do mundo eram sinônimo de conspiração mundial e eram vistos, mormente, como movimentos que tinham como finalidade o transtorno no “mundo livre”. Ademais, esse período ficou marcado pelo início de atentados terroristas suicidas, um fato incomum para o terrorismo (HOFFMAN, 1998 *apud* COELHO, 2011, p. 6). Somado a isso, em pouco tempo, esse fenômeno ganha ainda mais obscurantismo: nos anos 90, tornou-se recorrente um movimento denominado narcotráfico, o qual consistia no estabelecimento de alianças estratégicas entre organizações criminosas e organizações terroristas e de guerrilhas, a fim de utilizar a violência para alcançar, principalmente, objetivos políticos (COELHO, 2011, p. 7).

Inegavelmente, os atentados terroristas passaram por diversas transformações em seus significados e objetivos, mas sua essência se manteve: impor medo em troca de subordinação. Todavia, apesar de suas grandes e ligeiras mudanças ao longo do século XX, o mundo ainda não havia vivenciado um ataque que fosse capaz de impactar o mundo inteiro e mudasse os rumos do debate acerca da segurança internacional. Nesse processo, dois fatos merecem ser mencionados como catalisadores da magnitude que tomou o 11/09: a globalização que, indubitavelmente, proporcionou o fenômeno do terrorismo transnacional (COELHO, 2011, p. 7) e a voz dos Estados Unidos diante do atentado. Este presente trabalho terá como foco o segundo ponto, uma vez que busca analisar o discurso de George W. Bush, o então presidente da maior potência do mundo naquele momento.

2. O terrorismo após os atentados de 11 de setembro

O mundo experimentava o primeiro ano do século XXI e um período de relativa estabilidade no cenário internacional após a Guerra Fria, e, nessa seara, conjuntura a política internacional era maioritariamente influenciada pelos Estados Unidos da América. Todavia, na manhã do dia 11 de setembro de 2001, o mundo assiste ao maior atentado terrorista até então: o ataque ao World Trade Center, em Nova York. A maior questão surgia naquele momento: como a maior potência mundial poderia ter seus mais imponentes símbolos nacionais atacados de maneira tão inesperada?

Como destacado na seção anterior, o terrorismo estava adquirindo cada vez mais características obscuras e, por esse motivo, começou a ganhar espaço no debate acerca da Segurança Internacional. Contudo, o 11/09, com certeza, foi o estopim para o tema entrar de vez na cena de discussão sobre Segurança. Ao todo, quase 3 mil pessoas morreram no atentado (BBC NEWS BRASIL, 10/09/2021), mas, apesar desse número representar grande sofrimento para a família e amigos das vítimas, esse não foi o único motivo para o terrorismo tornar-se o foco central da política externa estadunidense. Tal motivação vai muito além das lágrimas derramadas pelas pessoas enlutadas: ter sua hegemonia desafiada diante do mundo de tal maneira despertou um sentimento de ódio e patriotismo no então presidente norte-americano, George W. Bush. A partir de então, inicia-se a Doutrina Bush, assim nomeado o documento publicado pela administração do líder dos EUA que delineava as principais estratégias de combate ao terrorismo transnacional (LIMA, 2005, p. 121-122).

Consoante Rogers (2018), o terrorismo, se comparado a outros problemas mundiais como a pobreza e o subdesenvolvimento, é uma das fontes mais insignificantes de sofrimento humano, mas, ainda assim, é considerado o principal desafio para a Segurança Internacional. Dessa maneira, é instigante procurar onde está a origem de tal ótica: assim como supracitado, atacar a maior potência mundial de forma tão surpreendente significa pôr em xeque sua hegemonia; portanto, nesse contexto, o então líder busca diversos instrumentos para reafirmar o poder dos Estados Unidos da América, e dentre eles, quiçá o mais importante: George W. Bush recorre ao discurso como meio de construir a figura dos terroristas como um inimigo não apenas dos EUA, mas do mundo inteiro, visto que, o terrorismo ultrapassou a fronteira dos Estados. Nessa conjuntura, os processos de argumentação e semiótica são essenciais para criação de ameaças, ou seja, o discurso complementa e constrói a realidade, representando interesses, legitimando ações e criando necessidades (HOFF, 2017).

Nesse caso, é cristalina a importância da linguagem para a edificação de uma nova ameaça, e, inserida nesse contexto, surge a Guerra ao Terror, interpretada por Resende (2011), como sendo um discurso que construiu novas realidades e relações, objetivando amenizar as feridas abertas na crise após o 11/09, além de demonizar sujeitos e Estados que supostamente apoiassem a prática do terrorismo transnacional.

3. A manipulação política

Patrick Charaudeau, professor da Universidade de Paris XII e idealizador do Centre d'Analyse du Discours (CAD), possui grande contribuição para os estudos de Análise do Discurso com seu livro *Discurso Político* (2006), no qual evidencia as estratégias por trás de discursos de cunho político. Nesse íterim, o autor alerta que as falas políticas podem estar carregadas de intenções que, geralmente, têm como o objetivo final a sedução e persuasão de seus interlocutores. Assim, ao abordar essas questões, Charaudeau discorre detalhadamente sobre as estratégias empregadas para que os políticos possam alcançar o que almejam.

Desse modo, o autor expõe que “o discurso manipulador recorre a argumentos de ordem moral ou afetiva (medo/compaixão) e é acompanhado, muitas vezes, de uma sanção potencial, positiva (promessa de um benefício, de um amanhã melhor) ou negativa (ameaça de uma desgraça), impedindo a reflexão por parte do manipulado” (CHARAUDEAU, 2016, p. 69). Nesse sentido, cinco meios de manipulação são traçados pelo autor: a sedução, a dramatização, a exaltação dos valores, o discurso populista como reciclagem dos discursos extremistas, e o discurso populista como fator de embaralhamento de oposições políticas.

Conforme Charaudeau (2016), na manipulação por meio do discurso de sedução, é necessária a fabricação de uma imagem com credibilidade. Para isso, o sujeito busca ser sincero, ter razão acerca do que está tratando e demonstrar competência. Dessa forma, com o objetivo de preservar sua confiabilidade, o ator político procura se legitimar diante do povo, ganhando espaço para persuadi-lo de que ele é capaz de exercer poder. Nesse esforço para convencer o público, o líder apresenta ao público seu projeto de sociedade ideal, na qual ele conserva e defende determinados valores; demonstra-se dotado de capacidade para executar tal projeto; e, por fim, mostra-se como melhor opção comparado aos seus adversários. Ademais, o autor também pontua que outra condição relevante para seduzir o público é o carisma, visto que essa qualidade imprime no líder a figura de um “profeta”, capaz de salvar o povo da sua situação de sofrimento e angústia.

A manipulação por meio da dramatização ocorre quando o discurso político pode usar de artifícios apelativos aos sentimentos dos interlocutores, por meio de encenações. Por consequência, esse discurso incita a indignação da opinião pública, levando a população o desejo de organizar movimentos de protesto para alcançar uma alteração no cenário vigente.

No caso da exaltação de valores, o autor sublinha que em todos os discursos políticos é possível identificar que se defendem valores, mas julga-se importante mencionar a questão da subjetividade de tais valores, uma vez que, em determinada época, um mesmo valor pode ser visto como útil para o bom funcionamento da sociedade ao passo que, em outra época, pode ser analisado como um obstáculo para a harmonia do tecido social.

Já no discurso populista como reciclagem dos discursos extremistas a figura política prega a vitimização de um determinado povo ao passo que busca os possíveis culpados pela situação para, assim, demonizá-los. Para Charaudeau (2016), esse discurso tem origem histórica na extrema-direita, mas também pode ser utilizado como estratégia de discurso da extrema-esquerda.

Finalmente, o discurso populista como fator de embaralhamento de oposições políticas versa sobre os tipos de populismo, o de direita e o de esquerda. No primeiro caso, o populismo de direita prega a necessidade do Estado se manter como potente e protetor, tendo como principal inimigo a fantasmática coalizão socialista-comunista. No populismo de esquerda, é almejada uma solidariedade social que instiga a luta contra os lucros individuais, combatendo, além das elites, as forças reacionárias. No entanto, em ambas as situações, o autor alerta para um embaralhamento das oposições: para capturar votos de pessoas menos ideologizadas, tanto a direita como a esquerda, têm adotado um discurso “desextremizados”, o que tem por consequência a desorientação da sociedade moderna, a qual passa a aderir aos movimentos menos em razão das ideias políticas do que dos valores pregados, como autoridade e igualdade.

É evidente, portanto, que em todos os tipos de discursos apresentados por Charaudeau(2016), o objetivo final é manipular a opinião pública. À vista disso, aplicar essa ótica ao discurso que se pretende analisar torna mais fácil o caminho para

identificar quem manipula e quem é manipulado e, enfim, reconhecer para qual propósito específico se dá essa manipulação.

4. A construção da figura do inimigo por George W. Bush

Para realizar essa análise foram retirados fragmentos de alguns discursos de George W. Bush, proferidos entre os anos de 2001 a 2006. Os excertos foram examinados a partir da ótica de Patrick Charaudeau, o qual elaborou uma teoria que abarca as estratégias discursivas utilizadas para manipulação da opinião pública, assim como foi apresentado na seção anterior.

Logo após os atentados, George W. Bush fez seu primeiro pronunciamento, um discurso carregado de patriotismo e reafirmação dos valores estadunidense, assim como evidencia-se a seguir:

Eu viverei e liderarei por esses princípios: para promover minhas convicções com civilidade, para perseguir o interesse público com coragem, para falar por maior justiça e compaixão, e chamar pela responsabilidade e tentar vivê-la como esperado. Em todas essas passagens, eu **levarei os valores de nossa história para a atenção de nossos tempos.** (BUSH, 2001, tradução nossa)

Nessa primeira passagem, George W. Bush faz sua primeira aparição em rede nacional para destacar seu posicionamento diante de tudo que ocorreu no 11/09. Assim, seu pronunciamento era bastante esperado pelo mundo inteiro, uma vez que todos encontravam-se surpresos com um ataque de tamanha dimensão. Sabendo disso, Bush, ciente do alcance que sua fala iria tomar, buscou veementemente defender os valores nacionais e demonstrar que estava empenhado em preservá-los até o último momento.

Em vista disso, é cristalina a utilização de dois artifícios de manipulação: a exaltação de valores, uma vez que o líder coloca em evidência os valores da nação como forma de conquistar o apoio do público; e o discurso populista como reciclagem dos discursos extremistas, visto que Bush se posiciona como a pessoa que irá liderar a defesa desses valores, apresentando-se como uma espécie de salvador da população norte-americana.

A seguir, tem-se um segundo trecho da primeira declaração de George W. Bush após os ataques:

Hoje, afirmamos um novo compromisso em **viver a promessa de nossa nação através da civilidade, da coragem, da compaixão e do caráter. América, no seu**

melhor, combina um compromisso de princípios e uma **preocupação com a civilidade**. Uma sociedade civil demanda de cada um de nós boa vontade e respeito, trato justo e perdão. (BUSH, 2001, tradução nossa)

Novamente, Bush dá ênfase aos valores norte-americanos, mas, dessa vez, os potencializa atribuindo à América o senso de continente civilizado, quiçá quase perfeito. No entanto, sua fala vai muito além disso: apesar de não deixar explícito, o presidente induz nas entrelinhas o pensamento de que Estados fora do continente americano não são tão “civilizados” como a América, especialmente os países de origem dos terroristas responsáveis pelos atentados. Nessa conjuntura, verifica-se as mesmas duas ferramentas de manipulação discursiva do excerto anterior, a exaltação dos valores e o discurso populista como reciclagem de discursos extremistas. No primeiro caso, Bush evidencia claramente os princípios morais; já no segundo caso, implicitamente sataniza os culpados, uma vez que imputa a eles a noção de povo “descivilizado”.

Após o 11/09, o terrorismo passou a ser foco central da política externa dos Estados Unidos. Por esse motivo, tornou-se comum Bush citar a temática em suas declarações, assim como constata-se em seguida em um fragmento de sua fala em 2002:

Estados como **estes e seus aliados terroristas constituem um eixo do mal**, armando-se para ameaçar a paz do mundo. Ao buscar armas de destruição em massa, esses regimes representam um perigo grave e crescente. Eles poderiam fornecer essas armas aos terroristas, dando-lhes os meios para igualar seu ódio. Eles podem atacar nossos aliados ou tentar chantagear os Estados Unidos. Em qualquer um desses casos, o preço da indiferença seria catastrófico. (BUSH, 2002, tradução nossa)

George W. Bush usa mais uma vez a estratégia do discurso populista como reciclagem de discursos extremistas, pois deixa claro em sua manifestação que existe um “eixo do mal” responsável por ataques terroristas, referindo-se aos países que não compactuavam com suas medidas antiterror, ou seja, ele sataniza os culpados pelos atentados e os seus respectivos aliados, construindo uma narrativa maniqueísta.

Em uma nova declaração, em 2003, o líder estadunidense afirma:

Hoje, o perigo mais grave na guerra ao terror, **o mais grave perigo que afronta a América e o mundo são os regimes fora de lei**, que procuram e possuem armas nucleares, químicas e biológicas. Esses regimes poderiam usar essas armas para chantagear, aterrorizar e praticar assassinatos em massa. Eles ainda poderiam ceder ou vender esses armamentos aos aliados terroristas, que poderiam usá-las sem menor hesitação. (BUSH, 2003, tradução nossa)

Nesse discurso, o presidente faz uso do mecanismo de dramatização, visto que cria um cenário de ameaça iminente e provoca angústia no público: ao afirmar com

veemência que regimes “fora de lei” possuem armas poderosas de destruição em massa, Bush aciona a esfera emocional do povo, o qual sente-se coagido a acreditar e aceitar suas ações de combate ao terrorismo. Ademais, além de afirmar que a América corre risco, ele perpassa as fronteiras dos Estados Unidos e reitera que o mundo inteiro está em perigo. Ou seja, seu objetivo era convencer, além dos americanos, toda a população mundial de que as atividades terroristas eram o maior desafio a ser enfrentado.

Por fim, em um último excerto dos discursos de Bush a ser analisado, temos:

O isolacionismo não iria apenas amarrar nossas mãos no combate aos inimigos, ele nos impossibilitaria de ajudar nossos amigos em urgente necessidade. Nós mostramos compaixão fora de nosso país porque os americanos acreditam na dignidade dada por Deus [...]. Nós ainda demonstramos compaixão no exterior porque regiões dominadas pela pobreza, corrupção e desespero são fontes de terrorismo, crime organizado, tráfico humano e tráfico de drogas. (BUSH, 2006, tradução nossa)

O presidente estadunidense exalta, mais uma vez, os valores norte-americanos e emprega o discurso populista como reciclagem de discursos extremistas. Bush reafirma, sempre que possível, que qualquer regime político diferente do estadunidense é fonte de insegurança e ameaça terrorista, uma interpretação rasa que tem como finalidade dividir o cenário internacional entre o bem (países aliados aos EUA) e o mal (países que não consentem com a política americana contra o terrorismo).

Destarte, é indubitável que George W. Bush utiliza muitos artifícios de manipulação da opinião pública em seus discursos. Por meio das exposições feitas anteriormente, é notório que seu principal propósito era demonizar os culpados e tornar o terrorismo uma questão de Segurança Internacional. Para isso, mostrou-se empenhado em sempre citar a temática em suas declarações públicas, deixando evidente que quanto mais repetido é um discurso mais relevante ele se tornará (HOFF, 2017).

Considerações Finais/ Conclusão

Diante do exposto, é cristalino observar como o discurso foi utilizado como uma das armas mais poderosas da Guerra ao Terror. George W. Bush, ciente de sua posição e relevância no cenário internacional, recorreu à linguagem como um dos instrumentos mais eficazes em seu mandato como presidente dos Estados Unidos da América. É inegável que as consequências disso são sentidas até hoje, pois, apesar de

causar poucos danos à humanidade se comparado a outras mazelas, o terrorismo ainda é encarado como um dos principais desafios à Segurança Internacional.

Dessa forma, nessa guerra criada e travada por Bush, seu objetivo parece ter sido atingido: dividir o mundo entre o bem e o mal no que se refere ao terrorismo. Seus discursos, carregados de moralidade e maniqueísmo, convenceram o mundo de que esse novo inimigo precisa ser encarado com afinco. No entanto, existe uma contradição nesse sentido: George W. Bush levou tanto medo ao mundo quanto os grupos terroristas, e, portanto, a dúvida que fica é a quem devemos combater, se é o Estado ou os terroristas?

Referências

BBC NEWS BRASIL. Atentados de 11 de setembro: a tragédia que mudou os rumos do século 21. 10 set. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351015>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

BUSH, George W. Discurso sobre o Estado da União. Washington, 2001. Disponível em:

<<http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/inaugural-address.html>>. Acesso em: 3 abr. 2023.

BUSH, George W. Discurso sobre o Estado da União. Washington, 2002. Disponível em:

<<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/address-before-joint-session-the-congress-the-state-the-union-22>>. Acesso em: 3 abr. 2023.

BUSH, George W. Discurso sobre o Estado da União. Washington, 2003. Disponível em: <<http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2003/01/20030128-19.html>>. Acesso em: 3 abr. 2023.

BUSH, George W. Discurso sobre o Estado da União. Washington, 2006. Disponível em: <<http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2006/01/20060131-10.html>>. Acesso em: 3 abr. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso político**. In *Análise do discurso: Gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – UFMG, 2006. p. 251-268

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo: Contexto, 2016. 183 p.

COELHO, Helder. **Questões conceituais da Guerra ao Terror, ao Terrorismo e aos Terroristas**. 2011.

GALITO, Maria Sousa. **Terrorismo: Conceptualização do fenómeno**. 2013.

LIMA, Leonardo Perez. **Terrorismo, doutrina Bush e a estabilidade do sistema internacional**. *Fronteira: revista de iniciação científica em Relações Internacionais*, v. 4, n. 7, p. 109-131, 2005.

RESENDE, Erica Simone Almeida. **As condições de Possibilidade da Guerra ao Terror: a americanidade puritanismo nas práticas discursivas da política externa norte-americana pós-onze de setembro**. *Século XXI, Porto Alegre*, v. 2, n. 2, p. 31-53, 2011.

ROGERS, Paul. In: Williams, P. D., & McDonald, M. (Orgs.). (2018). **Security Studies: An Introduction** (3o ed). Routledge.